

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

TAINÃ QUADRADO REQUEIRO

MALINCHE: ENTRE O MITO E A HISTÓRIA, UM CONFLITO

Jaguarão

2013

TAINÃ QUADRADO REQUEIRO

MALINCHE: ENTRE O MITO E A HISTÓRIA, UM CONFLITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do diploma de licenciada em Letras – Português/Espanhol e Respectivas Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon

Jaguarão
2013

TAINÃ QUADRADO REQUEIRO

MALINCHE: ENTRE O MITO E A HISTÓRIA, UM CONFLITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do diploma de licenciada em Letras – Português/Espanhol e Respectivas Literaturas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 21 de maio de 2013.
Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon
Orientador
Letras – UNIPAMPA

Prof.^a Dr.^a Virgínia Boechat
Letras – UNIPAMPA

Prof. Ms. Kim Amaral
Letras – UNIPAMPA

Dedico este trabalho aos meus amados pais, Cláudio e Jacqueline, maiores incentivadores e fontes inesgotáveis de apoio, amor e compreensão.

AGRADECIMENTO

Ao Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon, pela orientação e pelo apoio na realização deste trabalho, pois a tarefa de concretizar a realização deste seria mais difícil sem suas contribuições.

Aos demais professores de Letras, minha gratidão pela forma de conduzir o curso em todas as etapas.

Aos meus irmãos, por acreditarem em mim em todos os momentos enquanto estive estudando.

Ao meu esposo, Cleber Danilo Oleiro Júnior, pelo apoio incondicional em todos os momentos de minha trajetória acadêmica.

Aos meus amigos e colegas Cátia, Elizandro e Nádia, pois cada um deles contribuiu para o que hoje sou.

Aos demais colegas, pela amizade e companheirismo durante todos os momentos de minha formação.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar uma reflexão teórica sobre a escrita feminina na literatura, reconhecendo a postura da sua voz na reelaboração da história através de um discurso focado na palavra da mulher. Para esta reflexão, traremos as contribuições de teorias que tratam do gênero, o que evidencia o espaço conquistado na literatura. No intuito de analisar, no texto literário, conceitos relativos a essa questão, abordaremos a obra *Malinche*, de Laura Esquivel, publicada em 2005. Nesse romance, há o relato sobre uma indígena de origem asteca que participou junto dos espanhóis na Conquista do México. A autora mexicana apresenta um outro olhar sobre essa figura, divergindo das interpretações históricas tradicionais. Diferente de ser apontada como traidora, ideia que prevaleceu durante séculos, em *Malinche* há a representação de uma personagem em constante conflito.

Palavras-chave: Malinche; Literatura de Gênero; História.

RESUMEN

El presente trabajo tiene por finalidad presentar una reflexión teórica sobre la escrita femenina en la literatura, reconociendo la postura de su voz en la reelaboración de la historia a través de un discurso enfocado en la palabra da mujer. Para esta reflexión, traeremos las contribuciones de teorías que tratan del género, lo que evidencia el espacio conquistado en la literatura. Con el intuito de analizar, en el texto literario, conceptos relativos a esa cuestión, abordaremos la obra *Malinche*, de Laura Esquivel, publicada en 2005. En esa novela, hay el relato sobre una indígena de origen azteca que participó junto de los españoles en la Conquista de México. La autora mexicana presenta un otro mirar sobre esa figura, divergiendo de las interpretaciones históricas tradicionales. Diferente de ser apuntada como traidora, idea que prevaleció durante siglos, en *Malinche* hay la representación de un personaje en constante conflicto.

Palabras clave: Malinche; Literatura de Género; Historia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. AUTORIA FEMININA EM EVIDÊNCIA.....	11
2. OUTRA VERSÃO DA HISTÓRIA	15
3. MALINCHE, MAS TAMBÉM MALINALLI.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

A leitura que aqui se apresenta da obra *Malinche*, de Laura Esquivel, é realizada a partir das relações com outras obras de outros autores que também abordaram a trajetória de Malinche, personagem histórica que participou da Conquista do México ao lado dos espanhóis no enfrentamento com a civilização asteca e com outros povos de origem maia.

No diálogo com esse romance, encontramos em *Todos los gatos son pardos*, de Carlos Fuentes (1970), que Malinche aparece também representada sob outras diferentes denominações: Malinalli, Malintzin e Marina. Cada uma delas carrega um significado de passagens da sua vida.

Malinalli foi uma asteca que perdeu o pai e acabou sendo criada pela avó paterna, que faleceu quando Malinalli era ainda uma menina, mas que lhe transmitiu ensinamentos que ficaram resguardados em sua memória. Abandonada pela mãe, Malinalli teve seu destino traçado por diferentes adversidades. Dessa maneira, rejeitada por sua nobre família asteca, tornou-se escrava de povos maias e depois dos espanhóis. Por sua habilidade e conhecimento de diferentes línguas, foi resgatada por Hernán Cortés e passou a integrar a expedição dos conquistadores, desempenhando o papel de tradutora.

Durante muito tempo, por ter sido cúmplice na destruição e apagamento das culturas pré-hispânicas, essa indígena foi considerada, no México, como uma traidora, aquela que foi desleal com seu povo de origem, pois os espanhóis receberam importantes informações sobre os mitos, as crenças e a história do império de Montezuma, conhecimentos que facilitaram seus objetivos na Conquista.

O relato histórico sobre Malinche tem-se pelos textos dos cronistas espanhóis que descreveram os episódios da Conquista. Nessa perspectiva, é possível compreender que sua imagem foi elaborada por um discurso opressor, sem reconhecimento dos valores culturais autóctones do continente americano. Essa é a direção do texto de Bernal Díaz del Castillo (1998), soldado que presenciou os acontecimentos e escreveu a sua *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*.

A visão masculina apontada pelos documentos históricos tem continuidade em autores como Octávio Paz (1989) que, no capítulo “Los hijos de la Malinche” do seu livro *El laberinto de la soledad*, caracteriza Malinche como uma traidora,

colocando essa personagem como responsável da dependência cultural e econômica dos mexicanos.

Textos teóricos e literários produzidos a partir das últimas décadas do século XX desfazem concepções tradicionais como as do poeta mexicano citado acima. Escritoras *chicanas* da atualidade resgatam a figura de Malinche, situando-a como uma personagem que soube reconhecer as diferenças e colocar-se como um ser fronteiriço que reivindicou seu espaço. Em conformidade com essa ideia, a crítica literária das autoras Márcia Hoppe Navarro e Rita Terezinha Schmidt destaca a voz feminina advinda de escritoras que propõem o enfrentamento com posições estabelecidas. Fazem a denúncia às construções determinadas por sociedades machistas que desvalorizam a atuação da mulher.

O romance de Laura Esquivel que temos como objeto de estudo neste trabalho ressignifica a representação de Malinche. Diferente das caracterizações calculistas referidas pelos autores que configuraram uma personagem traidora, a autora mexicana atem-se aos conflitos vividos por ela, pois a descreve buscando a preservação do mundo indígena, respeitando seus mitos e valorizando sua cultura, ao mesmo tempo em que encontra reconhecimento pelos espanhóis através dos seus saberes de diferentes idiomas.

Para tratar dessas questões, apresentamos neste trabalho, no capítulo 1, as considerações da literatura feminina apontadas pela crítica literária. No capítulo seguinte, descrevemos Malinche a partir da sua representação histórica. No terceiro capítulo, desenvolvemos a análise de *Malinche*, estabelecendo relações que buscam evidenciar outras percepções da personagem que dá nome ao romance.

1. AUTORIA FEMININA EM EVIDÊNCIA

Malinalli pensaba que para que la vida surja, para que estos dos principios se mantengan unidos debe instalarse dentro de un espacio circular que los reguarde, que los arroje, ya que las formas redondas eran las que mejor protegían lo creado, a que lo encierran; las puntiagudas, por el contrario, abren, separan. La boca, como principio femenino, como espacio vacío, como cavidad, era el mejor lugar para que las palabras se generaran y la lengua, principio masculino, puntiaguda, afilada, fálica era la indicada introducir la palabra creada, ese universo de información, en otras mentes, para que ahí fecundara.
Laura Esquivel, *Malinche*. (p. 81)

Na história da literatura, até recentemente, a mulher não tinha o reconhecimento da sua própria voz, o que ocasionou que muitos textos de autoria feminina não alcançassem a atenção merecida, sendo relegados ao silêncio e ao esquecimento no processo histórico, pois, como destaca Rita Terezinha Schmidt, a história foi “construída e constituída por um *corpus* de textos canonizados e escritos no registro do masculino” (in NAVARRO, 1995, p. 182).

Tradicionalmente, as produções de autoras eram tidas como inferiores porque, socialmente, as mulheres estavam destinadas a cumprir atividades consideradas de menos importância, cabendo ao homem as vivências e experiências que dariam suporte à criação artística e à escritura de grandes obras. O sexo feminino se limitaria a cumprir funções domésticas, a procriação e o cuidado dos filhos.

Foi a partir das conquistas dos movimentos feministas da segunda metade do século XX que o mercado editorial se ateve a publicações das obras de escritoras. Isso provocou um panorama de mudanças, onde o texto dessas ficções renovou padrões da literatura. O discurso feminino provocou uma reavaliação do lugar da mulher na sociedade, colocando-a também como protagonista da história. Conforme enfoca Márcia Hoppe Navarro, quando

as obras ficcionais incluem a mulher como sujeito e não como mero objeto do foco narrativo, elas não apenas desafiam ou tentam subverter a cultura patriarcal dominante mas também fortalecem à mulher a voz adequada para falar de si mesma. (1995, p.14)

Essas literaturas romperam o silêncio da voz feminina e mostraram outras perspectivas e versões do processo histórico, uma vez que este havia sido

construído por uma sociedade machista. As obras escritas por mulheres instauraram a discussão de temas de importância paralela ao que era abordado pelas narrativas de autoria masculina, destituindo o caráter de inferioridade que suas produções até então possuíam. Essa subversão colocou em evidência a identidade da mulher dentro de temas relevantes no contexto social e econômico, apresentando uma originalidade na representação da figura feminina.

Estabeleceu-se assim um choque com os paradigmas que neutralizavam as experiências femininas e que exerciam um

juízo de valor referenciado na ordem de um centro monolítico, absoluto e idêntico (o sujeito da cultura dominante), [...] [desqualificando] as suas construções de sentido e representação como se o próprio conceito de legitimidade do que é considerado literário ou não-literário pairasse acima e além das práticas socioculturais (SCHMIDT in NAVARRO, 1995, p. 185)

Nesse sentido, seguindo com as posições de Rita Terezinha Schmidt, “a presença da mulher no espaço dos discursos e saberes é, pois, um ato político” (SCHMIDT in NAVARRO, 1995, p. 185), uma vez que faz um enfrentamento com concepções unitárias e coesas de uma cultura que

projetou a ilusão de homogeneidade graças à ação de um violento processo de repressão, uma recusa em aceitar as marcas significantes do outro, porque tais marcas representavam uma ameaça à visão metafísica e idealizada do sujeito. Se um gênero, tanto quanto raça e classe, é uma das categorias da diferença que estrutura nossa percepção, nossas leituras e nossas vidas, os valores e os sentidos que construímos do mundo, levantar a questão de gênero nas discussões sobre o cânone literário, critérios de valor estético e autoria feminina significa, em última análise, implodir as balizas epistemológicas do sistema de referência de nossa cultura. (SCHMIDT in NAVARRO, 1995, p. 186)

É dessa forma, pois, que a literatura de gênero possibilita a visibilidade de múltiplas alteridades que conformam a sociedade.

No caso específico de Malinche, coube ao discurso de escritoras mudar a concepção histórica da representação dessa personagem. Mulheres poetisas de origem mexicana e que vivem nos Estados Unidos identificaram-se com Malinche por perceber nela uma figura que soube conviver com diferentes culturas e encontrar seu espaço de reconhecimento. Por sua condição de *chicanas*, ou seja, latino-americanas que imigraram para outro país, essas mulheres sofrem abusos e discriminações, sendo consideradas pessoas de “segunda categoria”. Diante disso, colocam nos seus versos a reivindicação de sua existência, expondo uma voz que denuncia opressões e que, valorizando sua cultura, declara uma atuação

protagonista na construção social. Exemplo dessas produções, entre outras escritoras, são os poemas de Gloria Anzaldúa. Um deles tem os seguintes versos:

Para sobrevivir en la frontera
Debes vivir sin fronteras
Ser un cruce de caminos

Percebe-se, dessa maneira, que a relação com a personagem histórica de Malinche oferece uma afirmação de sujeitos no seu pertencimento na sociedade, na valorização do seu modo de ser. A imagem de Malinche se entrelaça nos discursos e nas reivindicações presentes nas produções das poetisas *chicanas*.

No entanto, tradicionalmente, a figura dessa indígena que teve papel atuante na conquista do México pelos espanhóis, quando desempenhou a função de tradutora para a expedição de Hernán Cortés, é retratada como uma traidora e submissa à cultura do estrangeiro. Isso foi o que observou Octavio Paz no seu livro de ensaios *El laberinto de la soledad*, onde intitulou “Los hijos de la Malinche” a um capítulo. Nele, o autor apresenta o caráter do povo mexicano, que valoriza muito mais uma cultura importada do que a sua própria tradição. Associa isso ao que teria feito Malinche, entregando-se passivamente aos propósitos de dominação dos conquistadores. Conforme o poeta mexicano

Esta pasividad abierta al exterior la lleva a perder su identidad [...]. Pierde su nombre, no es nadie ya, se confunde con la nada, es la Nada. Y sin embargo, es la atroz encarnación de la condición femenina [...]. [Ela] es una representación de la Madre violada, no me parece forzado asociarla a la Conquista, que fue también una violación, no solamente en el sentido histórico, sino en la carne misma de las indias. El símbolo de entrega es Malinche, la amante de Cortés. (1989, p. 76)

Caracterizando Malinche com o Nada, Paz sugere um “malinchismo” na cultura mexicana contemporânea, ou seja, mostra que, desde a colonização, há no México uma negação do seu passado autóctone e uma depreciação com o caráter mestiço. Aponta também que os “malinchistas son los partidarios de que México se abra al exterior: los verdaderos hijos de la Malinche” (PAZ, 1989, p. 77). Reconhece assim que “condenamos nuestro origen y renegamos de nuestro hibridismo” (PAZ, 1989, p. 77). Diz então que o mexicano “no se afirma en tanto que mestizo, sino como abstracción: es un hombre” (PAZ, 1989, p. 78).

A análise sobre o povo mexicano que Octavio Paz apresenta traz aspectos relevantes para a compreensão de uma sociedade, mas é curioso que as questões depreciativas que aponta estejam relacionadas à figura de Malinche, pois no seu

raciocínio “el símbolo de la entrega es doña Malinche, la amante de Cortés” (PAZ, 1989, p. 76).

Por questões como essa é que a literatura produzida por mulheres adquire importância fundamental, acentuando discursos que se afirmam como denúncia de opressões e porque, como afirma Rita Terezinha Schmit,

falar sobre a instituição ‘literatura’ e a presença da mulher no espaço dos discursos e saberes é, pois, um ato político, pois remete às relações de poder inscritos nas práticas sociais e discursivas de uma cultura que se imaginou e se construiu a partir do ponto de vista normativo masculino, projetando o seu outro na imagem negativa do feminino. (in NAVARRO, 1995, p. 185).

Contra-pondo-se à imagem de Malinche como traidora apresentada por Octavio Paz, ideia que se arraigou na forma de um pensamento coletivo e totalizante, a escritora Laura Esquivel redefine a percepção dessa personagem histórica. No seu romance *Malinche*, essa indígena aparece em uma personagem plena de sensibilidades, paixões e dúvidas sobre o destino da sua cultura e de si mesma, mostrando assim outras representações da sua figura. Lutando por seu reconhecimento, ela soube encontrar seu espaço no trânsito entre diferenças culturais, estabelecendo-se como ponte ao relacionar-se com o estrangeiro, mas ao mesmo tempo valorizando sua tradição.

2. OUTRA VERSÃO DA HISTÓRIA

Há uma personagem na história da conquista do México que teve uma participação relevante e decisiva. Referimo-nos a uma indígena que atuou ao lado do exército do espanhol Hernán Cortés. Seu nome era Malinalli, ou Malintzin, ou Marina, ou Malinche. Essa variedade na denominação de uma mesma figura é devido a sua trajetória, pois muitas foram as inquietações que a obrigaram a reconstituir sua identidade. Na atualidade, sua imagem ainda segue em transformação, uma vez que, na história tradicional, ela está associada à traição do seu próprio povo. No entanto, nos anos recentes, já se discutem outros argumentos para interpretar sua postura diante dos enfrentamentos entre espanhóis e astecas.

As informações que se conhecem sobre esta personagem vêm, sobretudo, dos cronistas espanhóis que registraram a conquista. Tem-se assim versões que podem ser consideradas tendenciosas por apontarem percepções de uma cultura europeia e cristã, determinada a dizimar o mundo indígena, sem compreender a realidade e os valores com os quais se deparavam. É o caso do cronista Bernal Díaz del Castillo, soldado que acompanhou Hernán Cortés e que foi testemunha dos acontecimentos. Sua obra *La historia verdadera de la conquista de Nueva España* registra a chegada dos espanhóis no território mexicano e descreve a trajetória do exército que derrubou o Império Asteca, civilização que dominava grande parte do México. Bernal Díaz escreveu sua “história verdadeira” anos após presenciar os fatos. Diante disso, muito do que foi escrito por ele pode também ser invenção, uma vez que a memória costuma trair as lembranças, e o que registrou pode também ter sido inventado.

As crônicas dos conquistadores não podem ser totalmente confiáveis, pois representam Malinche de acordo com os seus modelos culturais e literários, que a falsificam e a ficcionam. Francisco Luiz de Gómara, por exemplo, descreve os episódios da Conquista e comenta sobre Malinche sem nunca ter pisado na América; Bernal Díaz del Castillo apresenta Malinche como uma donzela de novelas de cavalaria, seguindo qualidades morais de uma personagem medieval europeia. O próprio Hernán Cortés, em suas *Cartas de relación* dirigidas ao rei Carlos V, faz apenas alusões discretas a Malinche, quase sempre sem nomeá-la, caracterizando-a simplesmente por *lengua*. Mesmo sendo uma atribuição central, é muito pouco para quem não só traduziu, mas explicou ao conquistador as crenças dos antigos

mexicanos e as fraquezas do Império asteca e, também, foi à mãe de Martín Cortés, considerado o primeiro mestiço americano.

Já os testemunhos indígenas recolhidos pelo frei Bernardino de Sahagún, nos primeiros anos após a conquista, não chegam a informar o passado de Malinche antes de seu encontro com Cortés, oferecendo o relato do período da chegada dos espanhóis no Golfo do México, em 1519, até a queda de Tenochtitlán em 1521. Embora sejam limitadas as suas aparições, Malinche está caracterizada como uma figura central detentora de um elevado *status* social, tanto nos textos dos aliados espanhóis, como é o *Lienzo de Tlaxcala*, quanto nos documentos leais a Tenochtitlán, como é o *Códice florentino*. No primeiro, Malinche é apresentado como uma indígena que sabe operar e manipular os valores políticos e religiosos do momento, enquanto que, no outro, é expressada uma hostilidade e um ressentimento com aquela que esteve ao lado dos conquistadores.

Apesar da fragilidade de todos esses textos, eles coincidem em muitos aspectos e relevam alguns dados sobre a vida de Malinche: após a batalha de Centla, no sul do México, os conquistadores receberam dos caciques locais, como sinal de submissão aos vencedores, vários presentes, como joias, tecidos, perus, galinhas e um grupo de vinte escravas para cozinhar e desempenhar funções procriadoras com os espanhóis. Entre as mulheres que faziam parte desse lote estava Malintzin. Natural de Painalla, nasceu no berço de uma família nobre no ano de *Malin* do calendário asteca e herdou o nome e os signos de revolta, desavenças e sangue derramado que o ano predestinava.

Conforme relata Bernál Díaz del Castillo, “desde su niñez fue gran señora y cacica de pueblos y vasallos” (CASTILLO, 1998, p. 111), mas com a morte do pai e o segundo de casamento de sua mãe, foi entregue como escrava, ainda criança, a comerciantes da região de Xicalango, e estes, mais tarde, a venderam aos de Tabasco. Dessa forma, tornou-se bilíngue, conhecendo tanto o idioma nauhatl dos astecas quanto a língua dos maias do sul do México. Por sua forte personalidade, seu nome contraiu o sufixo *tzin*, que significa senhora, passando a chamar-se Malintzin. Quando entregue aos espanhóis, foi batizada na Igreja católica, recebendo o nome de Marina.

Ao chegarem os conquistadores na costa do Golfo do México, em 1519, o capitão Hernán Cortés certificou-se que essa índia falava tanto o nauhatl quanto o maia, convertendo-a então em sua *lengua*, completando o elo que faltava para a

comunicação com os astecas, pois o seu intérprete Jerónimo de Aguilar, que sabia maia, não conhecia o idioma nauhatl. Ao passar a acompanhar Cortés, seu nome recebeu, entre os indígenas, um sufixo que denota posse dos espanhóis, sendo identificada como Malinche. Sua atividade era tão importante que, emprestando as suas palavras ao discurso do conquistador, por extensão, o próprio Cortés recebeu dos indígenas a dominação de Malinche.

Mais que tradutora, Marina foi informante e conselheira política e amante de Hernán Cortés, acabando por também aprender a língua espanhola. Sabe-se que, após a Conquista, Malinche foi dispensada por Cortés e entregue como esposa ao espanhol Juan Jaramillo, mas são imprecisas as informações sobre a sua trajetória posterior, havendo muitas dúvidas a respeito de sua vida nos anos seguintes.

As poucas e variáveis informações sobre Malinche e mais a tradição do discurso histórico pertencer ao gênero masculino facilitam o apagamento da voz indígena feminina e provocaram o processo de deslocamento da sua representação histórica para a sua inserção no campo mitológico.

Como mito, designando a mãe da raça mestiça, Malinche está associada à Eva bíblica. No entanto, se pensarmos que o seu filho Martín Cortés cresceu na Espanha, longe do seu acompanhamento, podemos verificar que Malinche não desempenhou o papel de mãe. Mesmo assim, a imagem feita pelo artista José Clemente de Orozco, no mural do Colégio de San Ildefonso, na cidade do México, mostra Hernán Cortés e Malinche nus, retratando Adão e Eva mexicanos, pais originais da nova raça mestiça. Daí que associá-la à traição é um pequeno passo. Esse foi o projeto desenvolvido após a independência, no século XIX, por aqueles que rejeitavam qualquer ligação com a ex-metrópole.

Nesses anos, foi criado o depreciativo conceito *malinchismo* para caracterizar os conquistadores da nova nação. Termo esse que voltou na década de 20 do século passado para acusar os traidores da Revolução mexicana. Referiam-se não só à atuação de Malinche como tradutora, mas também às informações que ela prestava aos conquistadores, como no caso de Cholula, quando Malinche avisou Hernán Cortés sobre uma conspiração preparada pelos cholultecas. Antecipando-se à emboscada, os espanhóis efetuaram uma cruel matança. Cabe recordar que Malinche não era a única indígena que estava ao lado dos espanhóis. Havia todo um exército dos tlaxcaltecas, inimigos declarados dos astecas, que participaram ao lado

dos espanhóis nos atos da Conquista. Ou seja, nem todos os habitantes do México eram aliados dos astecas.

Além disso, Malinche, desde criança já não possuía vínculos com o Império de Montezuma. Formada com uma mentalidade de escrava, ou seu gesto pode ser visto como o simples cumprimento de uma obrigação. Acusá-la de traidora dos astecas, parece excessivo.

Apoiada nos registros históricos, a autora Laura Esquivel reconstitui a história a partir da recuperação dos mitos que formavam a cultura do antigo mundo mexicano, descrevendo assim um registro que se diferencia das afirmações tradicionais. Sua personagem aparece com atribuições que não a condenam pelas ações que realizou. Se as interpretações históricas difundiram um caráter frio e calculista, no texto da escritora mexicana Malinche vive fiel às crenças aprendidas desde a sua infância. E será justamente o seu desejo em preservar sua cultura que a levará a combater, mesmo que junto a um exército invasor, a opressão e o medo impostos pelos governantes astecas de sua época.

3. MALINCHE, MAS TAMBÉM MALINALLI

Autora consagrada desde a publicação do seu primeiro romance, *Como agua para chocolate*, de 1990, Laura Esquivel destaca-se por desenvolver narrativas que revelam as tradições da sua cultura. Ao resgatar os mitos e as histórias do seu mundo mexicano, traz uma posição categórica que afirma um discurso feminino, apontando relevâncias da atuação da mulher na sociedade. Evidente parece ser esse propósito em *Malinche*, publicação de 2005, pois nesse romance desconstrói representações disseminadas por discursos tradicionais para apresentar outra compreensão sobre uma personagem crucial na história da América. No entrelaçamento das crenças dos antigos mexicanos com os registros dos espanhóis sobre a conquista, Laura Esquivel descreve a trajetória da indígena que foi rejeitada por sua família asteca, viveu como escrava entre os maias e foi protagonista na vitória dos espanhóis.

A vida conturbada dessa indígena já se anunciava desde o seu nascimento, sob uma tormenta que prognosticava mudanças significativas para o Império asteca:

Llovió tanto, que los sacerdotes y sabios de Anáhuac se alarmaron. Ellos estaban acostumbrados a escuchar y a interpretar la voz del agua pero en esa ocasión sintieron que Tláloc, el dios de la lluvia, no solo trataba de decirles algo sino que, por medio del agua, había dejado caer sobre ellos una nueva luz, una nueva visión que daría otro sentido a sus vidas, y aunque aún no sabían claramente cuál era, así lo sentían en sus corazones. (ESQUIVEL, 2005, p. 9)¹

Por ter sido um parto difícil, essa indígena recebeu o nome de Malinalli, em reconhecimento ao período “Malin” anunciado pelo calendário asteca. Ao nascer, a menina estava com “el cordón umbilical entre los labios, como si una serpiente amordazara la boca del infante. La abuela interpretó esa imagen como un mensaje del dios Quetzalcóatl que en forma de serpiente se enredaba en el cuello y en la boca de la criatura” (p. 10). Significativa é essa imagem, pois reflete a presença de uma divindade, Quetzalcóatl ou Serpente Emplumada, impondo o silêncio a um ser que, no futuro, revelaria informações que foram decisivas para a conquista. O pai de Malinalli também soube prognosticar a força da sua fala: “Tu palabra será el fuego que transforma todas las cosas. Tu palabra estará en el agua y será espejo de la

¹ As próximas citações indicadas somente com o número das páginas referem-se ao romance *Malinche*, de Laura Esquivel.

lengua. Tu palabra tendrá ojos y mirará, tendrá oídos y escuchará, tendrá tacto para mentir con la verdad y dirá verdades que parecerán mentiras” (p. 16).

Muito cedo, Malinalli se tornou “objeto estorbo”, pois seu pai faleceu e sua mãe e o padrasto decidiram desfazer-se da filha. Essa passagem é relatada da seguinte maneira no texto histórico de Bernál Díaz del Castillo:

Que su padre y madre eran señores y caciques de un pueblo que se dice Painala, y tenía otros pueblos sujetos a él, obra de ocho leguas de la villa de Guazacualco; y murió el padre, quedando muy niña, y la madre se casó con otro cacique mancebo, y hubieron un hijo, y según pareció, queríanlo bien al hijo que habían habido; acordaron entre el padre y la madre de darle el cacicazgo después de sus días, y porque en ello no hubiera estorbo, dieron de noche a la niña doña Marina a unos indios de Xicalango, porque no fuese vista, y echaron fama de que se había muerto. Y en aquella sazón murió una hija de una india esclava suya y publicaron que era la heredera, por manera que los de Xicalango la dieron a los de Tabasco, y los de Tabasco a Cortés. (CASTILLO, 1998, p. 187)

No romance de Laura Esquivel, a personagem de Malinalli expõe seus questionamentos pela constante rejeição que sofre:

No se explicaba qué podía haber de malo en su interior para que la trataran como un objeto estorbo, para que con tal facilidad prescindieran de ella. Se esforzaba por ser la mejor, por no causar problemas, por trabajar duro y, sin embargo, por alguna extraña razón no la dejaban echar raíces. (p. 23)

Mesmo trocando permanentemente de povo, sendo obrigada a adaptar-se a outras civilizações, outras culturas, aprendendo outros conhecimentos, Malinalli manteve sempre suas tradições originais, reconhecendo seu “Quetzalcóatl querido, siempre presente. Su gran protector. Desde la primera vez que la regalaron, siendo muy niña, Malinalli aprendió a superar el miedo al desconocido apoyándose en lo familiar” (p. 25).

O mais familiar que ela preservou junto de si foram os ensinamentos dados por sua avó paterna. Com ela aprendeu a valorizar seu mundo mítico, conhecer os deuses e a natureza. Foi com a avó que Malinalli presenciou a chegada das borboletas monarcas, insetos que, aos milhões, migram anualmente do Canadá para se reproduzirem no México. A avó explicou-lhe que “al igual que muchas aves, eran grandes viajeras y que eso era bueno, pues trasladarse por el viento en movimiento es lo que hace que uno cambie, que se renueve, que sea más fuerte. Cada viaje de las mariposas era la lucha que daban por la vida” (p. 122).

Assim como as borboletas, Malinalli também teve que se renovar cada vez que se transportava de um lugar a outro, obrigada a sujeitar-se a novos senhores. As renovações de Malinalli representavam também a troca do seu próprio nome. Em

Todos los gatos son pardos, de Carlos Fuentes, o escritor mexicano apresenta significações a essa multiplicidade de nomes:

Malintzin dijeron tus padres: hechicera, diosa de la mala suerte y de la reyerta de sangre... Marina, dijo tu hombre, recordando el océano por donde vino hasta estas tierras... Malinche, dijo tu pueblo: traidora, lengua y guía del hombre blanco [...]. Diosa, Malintzin; puta, Marina; madre, Malinche. (FUENTES, 1970, p. 14)

Multiplicidade também existia no mundo religioso transmitido pela avó para Malinalli. Entre os ensinamentos, aprendeu sobre a divindade dos quatro elementos. Soube que a água conta os segredos do universo e que se apresenta sob diferentes formas; que a terra é a mãe, a que alimenta; que o fogo transforma, purifica e ilumina tudo o que se pensa; e que o vento entra no corpo dos seres quando se nasce e permanece até a morte. Além disso “todos sabían que el señor Quetzalcóatl solo se le podía percibir cuando el viento estaba en movimiento” (p. 29). Quetzalcóatl era o deus que havia presenteado os homens com as primeiras sementes de milho. Também os havia ensinado a cultivá-lo e a prepará-lo como alimento. Malinalli considerava o milho como

la manifestación de la bondad. Era el alimento más puro que podía comer, era la fuerza del espíritu. Pensaba que mientras los hombres fuesen amigos del maíz, la comida nunca faltaría en sus mesas; mientras reconocieran que eran hijos del maíz y que el viento les había transformado en carne, tendrían plena conciencia de que todos eran lo mismo y se alimentaban de lo mismo. (p. 29)

Como alimento sagrado, o milho fazia parte dos costumes indígenas e estava presente no cotidiano dos povos pré-hispânicos. Sendo um elemento mitológico, esse alimento representava todos os tempos, as épocas antigas e também o tempo futuro. Foram grãos do milho que revelaram a Malinalli como seriam seus dias, interpretados por um tlacihque, um adivinho que ela consultou. Disse ele:

- Tus palabras nombrarán lo aún no visto y tu lengua volverá invisible a la piedra y la piedra a la divinidad. Dentro de poco ya no tendrás hogar, no te dedicarás a la creación de la tela y la comida, tendrás que caminar y mirar y, mirando, aprenderás de todos los rostros, de todos los colores de piel, de todas las diferencias, de todas las lenguas, de lo que somos, de cómo lo dejaremos de ser y de lo que seremos. Ésta es la voz del maíz.
- ¿Nada más? ¿No dice nada sobre mi libertad? (p. 30-31)

O presságio de que ela teria aprendizagens “de todas las diferencias” indica que conheceria diferentes línguas e culturas. O prognóstico anunciado mostra o poder que assumiria a palavra de Malinalli ao nomear o mundo indígena na língua dos espanhóis. Se, na crença asteca, uma pedra esculpida representava um deus,

traduzida ao espanhol essa mesma pedra seria interpretada pelos conquistadores como uma imagem do demônio. Seu próprio nome, ao ser batizada na igreja católica pelos espanhóis, também mudou o que seria sua identidade, pois a palavra Malinalli tinha uma significação mitológica. Já Marina, conforme entendeu, era apenas uma referência ao mar:

Cuando la ceremonia terminó, Malinalli se acercó de Aguilar, el fraile, para preguntarle cual era el significado de Marina, el nombre que le acababan de poner. El fraile le respondió que Marina era la que provenía del mar.

- ¿Sólo eso? – preguntó Malinalli.

El fraile respondió con un simple:

- Sí. (p. 55)

Na expedição de Hernán Cortés, seu *lengua*/tradutor Jerónimo de Aguilar desempenhava uma importante função, pois todas as falas do conquistador espanhol passavam por ele, transmitindo aos indígenas do sul do México as palavras ouvidas em espanhol e transmitindo aos espanhóis as falas maias. Porém, ao chegarem em território asteca, Aguilar perdeu seu poder, pois não conhecia a língua nauhatl. Nesse, momento apareceu a oportunidade para que Malinalli se destacasse, uma vez que ela detinha conhecimentos tanto da língua dos astecas quanto da língua dos maias. Estabeleceu-se, então, um diálogo por pontes, onde Aguilar ouvia espanhol e falava maia; Malinalli ouvia maia e falava nauhatl. Mais tarde, já envolvida sentimentalmente com Cortés, Malinalli aprendeu também a língua dos conquistadores e passou a protagonizar os diálogos, deixando Aguilar de lado:

Ella nunca antes había experimentado la sensación que generaba estar al mando. Pronto aprendió que aquel que maneja la información, los significados, adquiere poder, y descubrió que al traducir ella dominaba la situación y no solo eso, si no que la palabra podía ser un arma. La mejor de las armas.

La palabra viajaba con la velocidad de un rayo. Atravesaba valles, montañas, mares, llevando la información deseada tanto a monarcas como a vasallos; creando miedo o esperanza, estableciendo alianzas, eliminando enemigos, cambiando el rumbo de los acontecimientos. (p. 80)

Apesar de querer preservar o conhecimento mitológico aprendido na infância, Malinalli entendia que a única opção para não voltar a ser escravizada como até então havia sido era seguir ao lado dos espanhóis. Para isso, teve que se submeter aos desejos dos conquistadores, revelando as debilidades do Império de Montezuma, o que facilitou o ataque a Cholula, ocasião em que a cidade foi destruída e morreram muitos indígenas. Foi aí que ela tomou consciência do seu envolvimento nas pretensões dos estrangeiros europeus:

Ella nunca podría volver a ser la misma. La Malinalli de ahora era otra, el río era otro, Cholula era otra, Cortés era otro. Malinalli recordó las manos de Cortés y se estremeció. Ella había visto la crueldad en las manos de Cortés. Había visto como esas manos que el día anterior la habían acariciado eran capaces de matar con firmeza. (p. 116)

Se o desejo de Malinalli era encontrar a liberdade, deixar de ser escrava, teve que se sujeitar e se comprometer com as investidas dos espanhóis contra os astecas. Era sua esperança de que o comando dos espanhóis ocasionasse transformações que livrassem os indígenas dos sacrifícios a que eram submetidos. Tinha para si de que não era vontade do deus Quetzalcóatl os rituais de morte que movia o Império de Montezuma. Porém, não queria o fim de tudo, inclusive dos seus próprios deuses, da sua cultura e das suas crenças. Por isso, instauraram-se nela dúvidas sobre suas ações:

Malinalli se preguntaba qué era lo que había hecho mal. ¿En qué había fallado? ¿Por qué no se le había otorgado el privilegio de ayudar a su gente? Así como Cortés había sido la respuesta a los miedos de Moctezuma y el oro obtenido, a la ambición de Cortés, a ella le hubiera gustado saber qué deseo correspondía la destrucción de Tenochtitlán. ¿Al deseo de los tlaxcaltecas? ¿Al deseo de los dioses? ¿A una necesidad del universo? ¿A un ciclo de vida y muerte? Lo ignoraba por completo. Lo único que tenía claro era que ella no había podido salvar nada. [...] . Estaba confundida. Se sentía culpable y responsable de lo acontecido. (p. 169 – 170)

Diante de tantos questionamentos, essa personagem representada por Laura Esquivel difere muito do que é apresentado pela história tradicional. No texto dessa escritora, essa indígena não é a convencional traidora registrada em documentos. Ao contrário, ela é mais uma vítima dos conquistadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, podemos verificar que a literatura feminina apresenta formas diferentes de pensar a sociedade, confrontando-se com visões tradicionais construídas no espaço masculino. Dessa maneira, há um enfrentamento com o já estabelecido para conquistar espaços e direito à voz, colocando-se em pé de igualdade com outros discursos já existentes. O reconhecimento da produção literária feminina torna-se, assim, um ato político, pois desfaz-se o caráter de inferioridade de sua narrativa para obter a valorização de um universo não compreendido pelo texto masculino, ou mesmo machista.

Ao romper o silêncio e o esquecimento aos quais estavam relegadas as percepções da mulher, a literatura feminina adquire uma relevância primordial, uma vez que possibilita revisões de conceitos e propõe outras abordagens para discutir a presença feminina na sociedade. Essa discussão se dá com propriedade, pois a mulher possui, diferente do homem, a autoridade da experiência própria para apresentar o seu entendimento do mundo.

Ao revisar a história, essa literatura pode apontar versões diferentes daquelas disseminadas ao longo dos tempos. No caso da personagem Malinche, o discurso tradicional sempre a colocou como fria e calculista, buscando seus próprios interesses ao estar ao lado dos espanhóis que realizaram a Conquista do México. Nesse sentido, foi apontada como traidora do seu povo. Criou-se, inclusive, a categoria denominada “malinchismo”, que indica aqueles que se vendem aos estrangeiros. Octavio Paz chegou a considerá-la como responsável da construção do caráter mexicano que somente valoriza o que chega do exterior. Impõem-se, assim, uma negatividade em relação à Malinche.

Em contraponto a essa posição, mulheres escritoras resgatam a figura dessa indígena para colocá-la sob outra perspectiva. Ela deixa de ser aquela se entrega passivamente e passa a ser reconhecida como alguém que buscou um espaço de sobrevivência. Estar junto de Hernán Cortés foi o modo que se ofereceu para deixar de ser escrava, assumindo um papel de importância. Sua perspicácia foi perceber a existência de diferentes mundos e saber transitar entre culturas diversas.

Em *Malinche*, de Laura Esquivel, a personagem do título adere aos movimentos da Conquista, no entanto não perde sua cultura de origem. Mantendo as crenças com as quais o seu caráter foi formado, essa indígena não é

simplesmente Malinche, aquela que prejudicou os astecas. Também não é simplesmente Marina, porque senão continuaria a ser apenas uma escrava dos espanhóis. E Malintzin tampouco, uma vez que essa denominação conota uma forma “entrometida e desenvuelta”, como adjetivou Bernál Díaz del Castillo, impondo o prevaecimento de suas ideias. Por ter sido obrigada a deixar sua família e a sociedade asteca onde vivia, passando a ser escrava de outros povos, parece difícil reconhecê-la somente pelo seu nome de batismo, por Malinalli.

Diferente desses aspectos que individualmente cada denominação carrega, temos que compreendê-la na sua diversidade. Laura Esquivel narra a história da Conquista através da trajetória de uma indígena que vivia em conflito. A única certeza dessa personagem era querer preservar os ensinamentos aprendidos na infância, valores nos quais acreditava. No entanto parece que lhe era impossibilitada a convivência com esse mundo de saberes mitológicos. Em meio a essa conflituosa situação, temos em Malinalli, Malintzin, Marina, Malinche somente a certeza do aparecimento de uma identidade fronteiriça, o surgimento do americano que somos hoje, mestiços.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Sin fronteras. Disponível em <http://palabrasdesdeelsur.blogspot.com.br/2012/10/setenta-anos-de-gloria-anzaldua.html>. Acessado em 18 de março de 2013.

ESQUIVEL, Laura. **Malinche**. Madri: Punto de lectura, 2007.

CASTILLO, Bernál Díaz del. **Historia verdadera de la conquista de Nueva España**. Barcelona: Plaza y Janés, 1998.

FUENTES, Carlos. **Todos los gatos son pardos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1970.

MARTÍNEZ, José Luis. **Hernán Cortés**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

NAVARRO, Márcia Hoppe. Por uma voz autônoma: o papel da mulher na literatura e na ficção latino-americana contemporânea. In: _____. **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 9 - 23.

PAZ, Octavio. Los hijos de la Malinche. In: _____. **México en la obra de Octavio Paz**. Tomo I, Volume I. México: Fondo de Cultura Económica, 1989. p. 54 – 68.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe. **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 102 - 128.